



**DEIXANDO SUA  
MARCA:  
LÍDERES NEGRAS**





DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

VOLUME 16 / NÚMERO 6

Publicado em fevereiro de 2012

---

### Programas de Informações Internacionais:

Coordenadora	Dawn L. McCall
Editor executivo	Nicholas Namba
Diretor de Publicações	Michael Jay Friedman

---

Diretora editorial	Mary T. Chunko
Editora-gerente	Lea M. Terhune
Gerente de Produção	Janine Perry
Designer	Sylvia Scott

---

Projeto da capa	Dori Walker
Editora de fotografia	Ann Jacobs
Revisora do português	Marília Araújo

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica as revistas eletrônicas *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*  
IIP/PUBJ  
U.S. Department of State  
2200 C Street, NW  
Washington, DC 20522-0501  
USA  
E-mail: [eJournalUSA@state.gov](mailto:eJournalUSA@state.gov)

## Sobre Esta Edição



© AP Images

Essas mulheres processam solicitações de registro de eleitores em Americus, Geórgia, dias depois da aprovação da Lei do Direito ao Voto, de 1965, que proibiu práticas discriminatórias de votação

Em fevereiro de 1926, o historiador Carter G. Woodson, filho de ex-escravos, iniciou a Semana da História do Negro para incentivar afro-americanos a estudar sua própria história. Cinquenta anos depois, quando os Estados Unidos comemoravam seu bicentenário da Independência em 1976, o presidente Gerald Ford conclamou todos os americanos a “aproveitar a oportunidade para homenagear as realizações, tão frequentemente negligenciadas, dos negros americanos em todas as áreas de atuação ao longo da nossa história” e designou fevereiro o Mês da História do Negro. Desde então, americanos de todas as raças estudam a história e as contribuições dos afro-americanos no mês de fevereiro. Em 2012, o tema do Mês da História do Negro é Mulheres Negras na Cultura e na História Americana.

Esta edição de *eJournal USA* traça o perfil de afro-americanas dos séculos 20 e 21 que fizeram contribuições significativas para várias esferas da vida americana. Também oferece *insights* sobre como gerações anteriores de afro-americanas servem de referência para a atual geração.



© AP Images

A ativista de direitos civis Fannie Lou Hamer ajudou a organizar os “Verões da Liberdade no Mississippi” para informar cidadãos negros sobre o direito ao voto e registrá-los para votar.

A relação de mulheres apresentadas aqui, embora não abrangente, é bastante variada. Inclui mulheres que dedicaram seu talento e energia aos negócios, aos direitos civis, à política, à vida acadêmica e à mídia de massa. Todas elas, a seu modo, ratificaram o sonho americano não apenas para os afro-americanos, mas para mulheres e homens de todas as etnias.

—Os editores



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / VOLUME 16 / NÚMERO 6

---

## Deixando sua Marca: Líderes Negras

- |  |   |
|--|---|
| <b>3 Madam C.J. Walker: Da Inteligência Comercial à Filantropia</b><br>A'LEILA BUNDLES | <b>18 Dorothy Irene Height: Ativista de Direitos Civis</b><br>HOLLY COWAN SHULMAN |
| <b>6 Ida B. Wells-Barnett: Lutando e Escrevendo por Justiça</b><br>LEE D. BAKER        | <b>21 Claudette Colvin: A Primeira a Não Ceder seu Assento</b><br>PHILLIP HOOSE   |
| <b>9 Zora Neal Hurston: Lenda Literária</b><br>VALERIE BOYD                            | <b>24 Recursos Adicionais</b>   |

### DEIXANDO SUA MARCA: PERFIS DE AFRO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS

- |                               |                                |
|-------------------------------|--------------------------------|
| <b>12 Elizabeth Alexander</b> | <b>15 Mae Jemison</b>          |
| <b>13 McLeod Bethune</b>      | <b>16 Lynn Nottage</b>         |
| <b>13 Ursula Burns</b>        | <b>16 Condoleeza Rice</b>      |
| <b>14 Shirley Chisholm</b>    | <b>17 Susan Elizabeth Rice</b> |
| <b>14 Johnnetta Cole</b>      | <b>17 Leah Ward Sears</b>      |
| <b>15 Cathy Hughes</b>        |                                |

---

*As opiniões expressas nesta revista não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos Estados Unidos*

# Madam C.J. Walker

## DA INTELIGÊNCIA COMERCIAL À FILANTROPIA

A'Lelia Bundles

**H**á pouco mais de um século, quando a empreendedora Madame C. J. Walker fundou seu império de cosméticos e produtos para o cabelo, poucas mulheres ousavam pensar em ter um negócio. Em uma época em que as americanas não tinham direito ao voto e a maioria das afro-americanas era excluída — por lei e por costume — das universidades, empresas, profissões e dos cargos governamentais mais prestigiados da nação, Madame Walker deixou de ser uma lavadeira sem instrução e transformou-se em uma executiva empresarial — e uma das primeiras milionárias do país a vencer por seu próprio esforço. Em um período em que a maioria das mulheres americanas que trabalhava fora era ou empregada doméstica ou operária, Madame Walker chefiava uma força de vendas internacional de milhares de mulheres afro-americanas financeiramente independentes. Sua jornada improvável como empresária, entusiasta da filantropia e militante política permanece como inspiração e exemplo do que uma mulher com coragem, perseverança e espírito generoso pode realizar.

Nascida Sarah Breedlove, em Delta, na Louisiana, em dezembro de 1867, foi a primeira de cinco irmãos a começar a vida como pessoa livre. Quando criança, Sarah trabalhou com os pais, Owen e Minerva Breedlove, nos mesmos campos de plantação de algodão onde tinham sido escravos até o fim da Guerra Civil Americana. Infelizmente, quando Sarah completou 7 anos, seus pais faleceram. Sem escolas para crianças negras em sua comunidade e sem perspectivas de emprego, casou-se com Moses McWilliams com apenas 14 anos. Aos 20, ficou viúva com uma filha pequena.

Incapaz de sustentar a filha Lelia e a si mesma, juntou-se a seus irmãos mais velhos em St. Louis, no Missouri.



Madame C. J. Walker foi uma das primeiras americanas a se tornar milionária pelo próprio esforço.

Estúdio Scurlock/Instituto Smithsonian, Museu Nacional de História Americana, Centro de Arquivos

Sarah conseguiu emprego como lavadeira, ganhando pouco mais de um dólar por semana, mas estava determinada a dar à sua filha mais educação formal do que a que recebera. Embora muitas pessoas tratassem com desprezo lavadeiras como Sarah, ela se recusava a ter vergonha de trabalho humilde, porém, honesto. Admitia, contudo, ficar constrangida por um aspecto de sua aparência pessoal: a doença grave no couro cabeludo que estava fazendo com que perdesse o cabelo. No início dos anos 1900, quando a maioria dos americanos não tinha água encanada nem eletricidade, tomar banho era um luxo. Assim, Sarah e muitas outras mulheres começaram a ficar carecas porque raramente lavavam o cabelo, deixando-o

vulnerável a fatores ambientais como poluição, bactérias e piolhos. Para curar a doença, ela experimentou fórmulas até descobrir um unguento e um tratamento de limpeza que curaram seu couro cabeludo e permitiram o crescimento do cabelo. Ela começou a vender suas pomadas e a ensinar outras mulheres a cuidar e a modelar o cabelo.

Por volta dessa época Sarah conheceu e casou-se com Charles Joseph Walker, jornalista, que a ajudava a vender e divulgar seus produtos. Foi após o casamento, em 1906, que Sarah Breedlove adotou o nome de “Madame” C. J. Walker, título de dignidade e respeito tomado emprestado de mulheres que haviam criado as indústrias de cosméticos e moda francesas. Em 1910 Madame Walker mudou-se para Indianópolis, em Indiana, onde construiu uma fábrica, um salão de cabeleireira e uma escola de beleza para capacitar seus agentes de vendas. Ela também começou a participar de atividades cívicas, culturais e políticas da cidade. Ao saber da campanha para construir uma ACM (Associação Cristã de Moços) na



Madame C. J. Walker (segunda, a partir da esquerda) e o educador, autor e líder político Booker T. Washington (no centro, à esquerda), entre outras pessoas, na inauguração, em 1913, da Associação Cristã de Moços negros (ACM), na Avenida do Senado, em Indianópolis, Indiana

comunidade negra, ela doou US\$ 1 mil para o fundo de construção. Sua doação surpreendeu seus novos vizinhos porque nenhuma mulher negra jamais havia contribuído com uma quantia tão vultosa para uma organização como a ACM. A lavadeira que outrora ganhava US\$ 1,50 por semana, agora ganhava o suficiente para ajudar outros.

Incentivada pela resposta positiva à sua doação, estabeleceu outra meta para si mesma: dirigir-se aos delegados da convenção de 1912 da Liga Nacional de Empresas de Negros (NNBL). Ao chegar a Chicago com confiança elevada, tentou compartilhar sua história de moça pobre que ficou rica com o fundador da NNBL Booker T. Washington: . Nessa época Booker T. Washington era uma figura de projeção nacional e, possivelmente, o líder afro-americano mais poderoso do momento. Durante dois dias da convenção, ele ignorou suas tentativas de aproximação. Persistente, Madame Walker esperou pacientemente até o último dia da conferência, quando se levantou da cadeira e dirigiu-se a Washington durante seu discurso no pódio. “Certamente o senhor não vai bater a porta na minha cara. Sou uma mulher que veio das plantações de algodão do Sul”, disse Madame Walker. “Fui promovida para a tina de lavar roupas. De lá, fui promovida para a cozinha. E de lá eu mesma me promovi para o ramo de fabricação de produtos

e fórmulas para o cabelo. Construí minha própria fábrica com meus próprios recursos!”

Booker Washington ficou tão surpreso e incomodado que não a convidou para o palco, porém, ele não podia mais ignorá-la. No ano seguinte, Washington aceitou o convite de Madame Walker para hospedar-se em sua casa em Indianópolis durante a inauguração da nova ACM. Madame Walker também contribuiu para o Instituto Tuskegee (escola fundada por Booker Washington em 1881 para o avanço de afro-americanos), financiando bolsas de estudo para estudantes africanos criadas por ela, o que a ajudou a conquistar mais ainda o respeito de Washington. Na convenção da NNBL de 1913, Washington gentilmente saudou Madame Walker como a principal oradora.

Madame Walker continuou a expandir seu mercado e aventurou-se além dos Estados Unidos para Cuba, Jamaica, Haiti, Panamá e Costa Rica. Esperava que — por meio dos princípios de empreendedorismo que a tinham tornado rica — seus produtos pudessem levar prosperidade a mulheres afrodescendentes em todo o mundo. Enquanto viajava, sua filha, Lelia, pôs-se a trabalhar abrindo outra escola e salão de beleza em local suntuoso, no Harlem, bairro predominantemente de afro-americanos, na cidade de Nova York. Como a Madam C. J. Walker

Manufacturing Company continuava a crescer, Madame Walker e sua filha organizavam sua força de vendas em clubes locais e estaduais. A Convenção Americana da União dos Especialistas de Cabelo de Madame Walker na Filadélfia, em 1917, atraiu 200 agentes e tornou-se um dos primeiros encontros nacionais de americanas reunidas para discutir negócios e comércio. Na convenção, Madame Walker alegremente escutava histórias de ex-empregadas domésticas, cozinheiras, meeiras e professoras que agora ganhavam mais do que seus antigos patrões. Como recompensa, ela premiou não somente as mulheres que haviam vendido mais produtos, mas também as mulheres que mais haviam contribuído para instituições de caridade em suas comunidades.

No ano seguinte, Madame Walker mudou-se para Villa Lewaro, imóvel luxuoso no bairro rico de Irvington-on-Hudson, em Nova York, perto das residências do magnata do petróleo e filantropo John D. Rockefeller e do barão das ferrovias Jay Gould (dois dos homens mais ricos da história dos EUA). Estabelecida em Nova York, ela se tornou ainda mais engajada em assuntos políticos, unindo-se ao comitê executivo da Parada de Protesto Silencioso, manifestação pública em julho de 1917 na qual mais de 8 mil afro-americanos marcharam na Quinta Avenida para protestar contra uma rebelião em East St. Louis que deixou 39 vítimas fatais, entre elas homens, mulheres e crianças. Alguns dias depois, Madame Walker e um grupo de líderes do Harlem foram até a Casa Branca para conclamar o presidente Woodrow Wilson a apoiar legislação com objetivo de tornar o linchamento crime federal.

Pouco antes de sua morte em maio de 1919, Madame Walker doou US\$ 5 mil — equivalentes hoje a quase US\$ 65 mil — para o fundo contra linchamentos da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor. Foi a maior doação recebida pela organização de direitos civis até aquele momento. Ela também alterou seu testamento para refletir sua paixão pela educação, pelas crianças e pelos idosos direcionando dois terços dos lucros líquidos futuros de seu patrimônio para caridade e deixando aproximadamente US\$ 100 mil para pessoas físicas, instituições educacionais e orfanatos.

Hoje seu legado é mais bem preservado nas

aspirações daqueles que se inspiram em seu sucesso empreendedor e em sua generosidade filantrópica, como a empresária bilionária Oprah Winfrey e a vice-diretora da Administração de Pequenas Empresas dos EUA, Marie Johns. Em 1992, Madame Walker foi uma das 21 mulheres que entraram para o Hall da Fama Empresarial Nacional no Museu da Ciência e da Indústria em Chicago.

Sempre que perguntavam a Madame Walker o segredo de seu sucesso, ela orgulhosamente respondia: “Não há um caminho real coberto de flores para o sucesso e, se houver, eu não o encontrei, porque qualquer sucesso que obtive



Madame Walker dirige um Ford Modelo T na companhia de sua sobrinha Anjetta Breedlove (na frente) e duas funcionárias, por volta de 1912

A Lelia Bundles/Arquivo da Família Walker/madamcjwalker.com

foi resultado de muito trabalho árduo e muitas noites em claro. Eu arregacei as mangas. Portanto, não fiquem sentados esperando as oportunidades aparecerem. Vocês têm de levantar e criar as oportunidades para vocês!” ■

*A Lelia Bundles, ex-produtora e executiva da rede de TV ABC News, é biógrafa e tataraneta de Madame Walker. Seu livro On Her Own Ground: The Life and Times of Madam C.J. Walker [Com Seus Próprios Recursos: A Vida e a Época de Madame C. J. Walker] (Scribner), foi um dos Livros Notáveis em 2001 segundo o New York Times. Ela reside em Washington, DC.*

*Reproduzido de Histórias de Realizações de Afro-Americanos, III, Departamento de Estado dos EUA.*

# Ida B. Wells-Barnett

## LUTANDO E ESCREVENDO POR JUSTIÇA

Lee D. Baker



Ida B. Wells-Barnett foi jornalista e ativista em defesa de direitos iguais

**I**da B. Wells-Barnett foi uma destemida batalhadora da cruzada contra linchamentos, defensora do sufrágio feminino e dos direitos da mulher, jornalista e palestrante de prestígio internacional. Ela figura como uma das líderes mais inflexíveis e uma das defensoras mais ardorosas da democracia de nossa nação. Nasceu em Holly Springs, Mississippi, em 1862, e morreu em Chicago, Illinois, em 1931, aos 69 anos de idade.

Embora seus pais fossem escravos antes da Guerra Civil, puderam sustentar seus sete filhos porque sua mãe era uma famosa cozinheira e seu pai, carpinteiro habilidoso. Quando Ida contava apenas 14 anos, trágica epidemia de febre amarela propagou-se por Holly Springs e matou seus pais e seu irmão mais novo. Ida conservou a família unida conseguindo um emprego como professora,

atitude emblemática da retidão, da responsabilidade e da fortaleza que caracterizaram sua vida. Ela conseguiu continuar seus estudos frequentando a Faculdade Rust nas proximidades e acabou mudando-se para Memphis, Tennessee, para morar com sua tia e ajudar a criar suas irmãs mais novas.

Foi em Memphis que Ida iniciou sua luta por justiça racial e de gênero. Em 1884, um condutor da Companhia Ferroviária Chesapeake & Ohio disse-lhe para ceder seu assento no trem a um homem branco. O condutor ordenou-lhe que fosse para o carro de fumantes que funcionava também como carro “Jim Crow” (termo usado para as leis que segregavam as pessoas pela raça), o qual já estava superlotado de passageiros. Apesar de a Lei de Direitos Cíveis de 1875 proibir a discriminação com base em raça, credo ou cor em teatros, hotéis, transportes e outros locais públicos, diversas empresas ferroviárias desobedeciam a lei e continuavam a segregar passageiros.

Ida recusou-se a mudar de lugar, lembrando sua condição de mulher e não fumante e que, portanto, deveria ficar no carro para senhoras, e não no carro menos confortável reservado aos afro-americanos. O condutor não deu ouvidos às suas objeções e retirou-a à força do trem — sob o aplauso dos passageiros brancos. De volta a Memphis, Ida contratou imediatamente um advogado e processou a

companhia ferroviária por maus tratos. O tribunal local deu-lhe ganho de causa, mas a companhia ferroviária apelou à Suprema Corte do Tennessee e esta revogou a decisão do tribunal de instância inferior. Essa foi a primeira de muitas batalhas por justiça social e dignidade humana em que Ida se envolveu durante sua vida. Daquele momento em diante, Ida trabalhou incansável e destemidamente contra a injustiça racial e de gênero e contra a violência.

O processo judicial de Ida contra a companhia ferroviária favoreceu sua carreira como jornalista. Muitos jornais interessaram-se pelas experiências da professora de 25 anos que enfrentou a supremacia branca. Sua carreira como jornalista floresceu em publicações endereçadas ao público afro-americano e cristão, bem como em jornais



Ida B. Wells-Barnett teve quatro filhos com seu marido, F. L. Barnett, colega editor de jornal.

britânicos. Em 1889, Ida tornou-se sócia do *Free Speech and Headlight*, jornal que pertencia ao pastor da Igreja Batista de Beale Street, reverendo R. Nightingale. O reverendo Nightingale encorajou sua vasta congregação de afro-americanos a fazer uma assinatura do jornal, o que resultou no crescimento da publicação. Isso possibilitou Ida deixar seu emprego como professora e manter-se com seu trabalho de redatora, editora e, mais tarde, palestrante nos Estados Unidos e no exterior.

A tragédia abateu-se novamente sobre a vida de Ida em 1892, quando três amigos seus foram linchados. Chamavam-se Thomas Moss, Calvin McDowell e Henry Stewart. Os três eram donos da People's Grocery Company e algumas pessoas acharam que a loja havia desviado clientes de empresas concorrentes de propriedade de brancos. Em resposta, um grupo de homens brancos

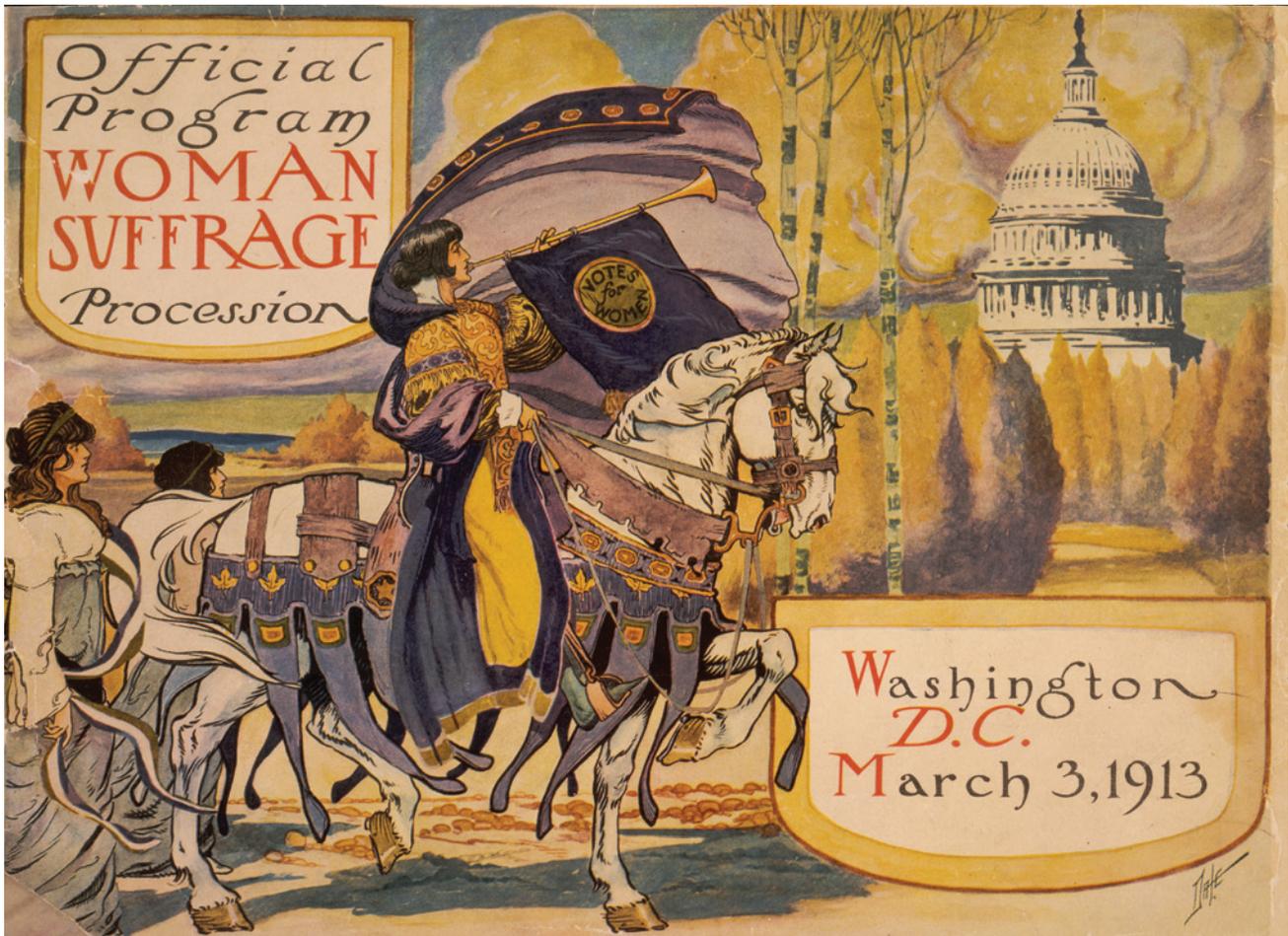
enaivecidos tentou eliminar a concorrência atacando a People's Grocery, mas seus donos reagiram, atirando em um dos agressores. Os proprietários da People's Grocery foram presos, mas não demorou para uma turba de linchadores invadir a prisão onde se encontravam encarcerados. A turba arrastou os presos para fora da cidade, e os três foram brutalmente assassinados. Essa atrocidade catalisou a indignação de Ida. Ela escreveu no jornal *The Free Speech*:

*A cidade de Memphis demonstrou que nem o caráter nem a reputação são de proveito para o negro se ele ousar se proteger do homem branco ou tornar-se seu rival. Não há nada que possamos fazer no momento em relação ao linchamento, visto que somos minoria e não temos armas. A turba de homens brancos pôde servir-se de munição sem pagar, mas a ordem é rigidamente aplicada quanto à proibição de venda de armas aos negros. Portanto, só resta uma coisa a fazer: economizar nosso dinheiro e ir embora dessa cidade que nunca protegerá nossas vidas e bens, nem nos proporcionará julgamento justo nos tribunais, ao contrário, nos leva para fora e nos mata a sangue frio quando brancos nos acusam.*

Centro de Pesquisa de Coleções Especiais, Biblioteca da Universidade de Chicago

Muitas pessoas seguiram o conselho de Ida publicado no jornal e deixaram a cidade. Outros membros da comunidade negra organizaram um boicote a empresas de brancos para expressar sua indignação frente às atrocidades. Sem se deixar amedrontar pelos pavorosos eventos, Ida persistiu em seu jornalismo investigativo e que revelava escândalos até a redação do jornal ser destruída em retaliação. Impossibilitada de voltar para Memphis, mudou-se para Chicago, onde pôde dar prosseguimento às suas atividades jornalísticas. Manteve seus contundentes editoriais contra injustiças raciais em publicações locais, nacionais e internacionais, investigando e revelando os “motivos” fraudulentos usados pelos partidários da supremacia branca para justificar o linchamento de negros, o que então se tornara ocorrência comum.

Em Chicago, Ida ajudou também a desenvolver muitas organizações reformistas e de mulheres afro-americanas. Ao longo do tempo, permaneceu comprometida com sua cruzada contra linchamentos, publicando em 1892 o panfleto *Southern Horrors: Lynch Law in All Its Phases* [*Horrores Sulinos: A Lei do Linchamento em Todas as suas Fases*], com sua imagem ilustrando a capa. Em 1895 casou-se com o advogado Ferdinand L. Barnett, editor de um dos primeiros jornais de Chicago de propriedade de negros, e tiveram quatro filhos, o que diminuiu, mas não cessou, seu ativismo.



Divisão de Imprensa e Fotografias, Biblioteca do Congresso (LOC)

Ida empenhou-se ativamente no movimento pelo sufrágio da mulher. Participou da marcha de 1913 da Associação Nacional Americana para o Sufrágio das Mulheres, em Washington, DC. Esta é a página de rosto do programa da marcha de 1913. Ida fundou a primeira organização para o voto da mulher negra, o Clube Alfa do Sufrágio, naquele mesmo ano.

Tornou-se trabalhadora incansável pelo sufrágio feminino e participou da marcha histórica de 1913 em Washington, DC, pelo sufrágio universal. Incapaz de tolerar qualquer tipo de injustiça, Ida, juntamente com Jane Addams (assistente social pioneira, mais tarde agraciada com o Prêmio Nobel da Paz), impediu com sucesso a criação de escolas segregadas em Chicago.

Em 1906, uniu-se a W.E.B. Du Bois e outros para fazer avançar o Movimento Niágara, movimento afro-americano de direitos civis que se opunha à segregação racial, à privação de direitos do cidadão e à estratégia conciliatória aceita por outros ativistas negros como Booker T. Washington.

Ida foi uma das duas afroamericanas que assinaram “a convocação” para a criação da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP) em 1909, tornando-se um dos membros fundadores da organização. No entanto, devido à sua veemente oposição à abordagem de Booker T. Washington, foi

considerada “radical” e impedida de assumir posições de liderança no grupo.

Em 1930, a desilusão de Ida com a maioria dos candidatos dos partidos políticos ao Legislativo estadual era tanta que decidiu concorrer ao Legislativo de Illinois, tornando-se uma das primeiras mulheres afro-americanas a concorrer a cargo público nos Estados Unidos. Ida faleceu um ano mais tarde, após uma vida de luta pela justiça. ■

*Lee D. Baker é diretor de Assuntos Acadêmicos da Faculdade Trinity de Artes e Ciências da Universidade Duke. Formado pela Universidade Estadual de Portland e pela Universidade de Temple, Baker foi para a Duke em 1995 como professor assistente de Antropologia Cultural e Estudos Afro-Americanos. Lecionou também na Universidade de Colúmbia.*

*Reproduzido de Histórias de Realizações de Afro-Americanos, III, Departamento de Estado dos EUA.*

# Zora Neale Hurston

## LENDA LITERÁRIA

Valerie Boyd

**Z**ora Neale Hurston sabia como encantar. Em jantar de premiação literária em 1925, a nova e desinibida moradora do Harlem fez cabeças se virarem e sobranceiras se levantarem ao receber quatro prêmios: segundo lugar no prêmio de ficção por seu conto “Spunk” [“Coragem”], segundo lugar em dramaturgia por sua peça *Color Struck* [Preconceito de Cor] e duas menções honrosas. Os nomes dos escritores que derrotaram Zora e conquistaram o primeiro lugar naquela noite logo seriam esquecidos. Mas o nome da segunda colocada foi assunto das conversas durante toda a noite e nos dias e anos seguintes.

Segundo dizem todos, Zora podia chegar a uma sala cheia de pessoas desconhecidas e, em questão de minutos e algumas histórias depois, deixá-las de tal maneira encantadas que muitas delas se ofereciam para ajudá-la de qualquer forma possível. Ela era dotada de um intelecto poderoso, um senso de humor contagiante e tinha “o dom”, como disse um amigo, “de entrar nos corações”. Uma combinação única de talento, determinação e charme fez com que ela se transformasse em uma das figuras mais brilhantes do Renascimento do Harlem e uma das escritoras mais bem-sucedidas e importantes da primeira metade do século 20. Durante uma carreira que se estendeu por mais de 30 anos, Zora publicou quatro romances, dois livros dedicados ao folclore, uma autobiografia, inúmeros contos e vários ensaios, artigos e peças.

Nascida em 7 de janeiro de 1891, em Notasulga, no Alabama, Zora mudou-se com sua família para Eatonville, na Flórida, quando ainda era uma criança que começava a andar. Em Eatonville, Zora viu evidências das realizações da



A romancista Zora Neale Hurston foi figura importante do Renascimento do Harlem

população negra por toda parte. Na prefeitura, negros como seu pai, John Hurston, formulavam as leis que regiam Eatonville. Nas duas igrejas da cidade, mulheres negras, inclusive sua mãe, Lucy, dirigiam os programas curriculares da escola dominical. Na varanda da loja da cidadezinha, negros e negras exploravam mundos com suas bocas por meio de histórias deliciosas, cheias de cor.

Crescendo em uma casa grande em cinco acres de terra nessa comunidade culturalmente afirmativa, Zora teve uma infância relativamente feliz, apesar dos constantes conflitos com seu pai pregador, que tentou algumas vezes — conforme suas palavras — “oprimir” seu espírito indomável. Sua mãe, ao contrário, exortava a

jovem Zora e seus sete irmãos a “irem ao encontro do sol”, usando o vernáculo afro-americano comum de Eatonville. “Talvez não pousássemos no sol”, explicou Zora, “mas pelo menos sairíamos do chão”.

Esses primeiros anos idílicos da vida de Zora acabaram de forma abrupta com a morte de sua mãe em 1904. Depois que Lucy Hurston morreu, o pai de Zora logo casou de novo e parecia não ter muito tempo ou dinheiro para seus filhos. No final, após Zora trocar socos com sua jovem madrastra, seu pai mandou-a embora para viver com parentes e construir sua própria vida adulta. “Vazios e carentes de conforto e amor”, foi como Zora descreveu aqueles anos magros. Trabalhou em vários empregos humildes durante a adolescência enquanto lutava para completar seus estudos. Zora desapareceu do registro público por quase uma década. Quando ressurgiu em 1917, tinha 26 anos e vivia em Baltimore — mas ainda não tinha o diploma



Divisão de Imprensa e Fotografias, Biblioteca do Congresso (LOC)

Zora examina livro na Feira do Livro do jornal *The New York Times* na cidade de Nova York, 1937. Seu romance *Seus Olhos Viam Deus* (1937) rendeu-lhe fama duradoura.

de ensino médio. Fingindo ser adolescente para poder ter direito à educação pública gratuita, Zora indicou seu ano de nascimento como 1901 — para ficar uma década mais jovem do que realmente era. A partir de então, ela sempre se apresentou como tendo no mínimo dez anos menos que sua idade verdadeira. Felizmente, Zora tinha aparência para isso. As fotografias mostram uma mulher bonita e de ossos grandes com olhos brincalhões, mas penetrantes, as maçãs do rosto salientes e uma boca larga, graciosa sempre exibindo uma expressão radiante.

Após finalmente concluir o ensino médio, Zora obteve o diploma de bacharel pela respeitada Faculdade Barnard e, mais tarde, tentou o doutorado na Universidade de Colúmbia sob a orientação do antropólogo mundialmente conhecido Franz Boas. Depois, Zora conquistou a cobiçada bolsa de estudos Guggenheim para estudar comunidades nativas na Jamaica e no Haiti.

Em 1935, Zora estava firmemente instalada na cena literária americana. Ela havia publicado vários contos e artigos, uma bem recebida antologia de folclore negro do Sul do país, *Mules and Men* [*Mulas e Homens*], e um romance, *Jonah's Gourd Vine* [*A Videira de Cabaça de Jonah*], que o jornal *The New York Times* classificou como “sem medo de exagerar, o romance mais vigoroso e original

sobre o negro americano jamais escrito”. O final dos anos 1930 e o início dos anos 1940 marcaram o apogeu da carreira de Zora. Sua obra-prima, o romance intitulado *Seus Olhos Viam Deus*, é agora leitura obrigatória nas escolas de ensino médio e faculdades dos Estados Unidos.

“Para mim, não há livro mais importante do que esse”, declarou a romancista Alice Walker sobre *Seus Olhos Viam Deus*. A personalidade de TV Oprah Winfrey classificou o romance como a sua “história de amor favorita de todos os tempos”. Na verdade, Oprah sentiu-se tão inspirada pela história que, em 2005, ela produziu uma adaptação do romance para a televisão, tendo como protagonista a atriz vencedora do Oscar Halle Berry. O filme foi visto por cerca de 24,6 milhões de telespectadores americanos, colaborando ainda mais para fixar o romance de Zora na consciência de todos e aumentar sua presença no cânone literário dos Estados Unidos.

Hoje, *Seus Olhos Viam Deus* é amplamente considerado uma obra-prima. Mas quando foi publicado pela primeira vez em 1937, o autor Richard Wright, contemporâneo de Zora, não ficou impressionado com o seu livro: “O movimento sensorial do seu romance não propõe nenhum tema, nenhuma mensagem, nenhum pensamento”, escreveu. Ainda assim, o livro obteve críticas



Antropóloga experiente, Zora colecionou histórias e canções folclóricas tradicionais para o Projeto Federal de Escritores durante a Grande Depressão. Ela ouve os músicos Rochelle French e Gabriel Brown em Eatonville, na Flórida, nesta fotografia de 1935 do le-gendário folclorista Alan Lomax.

altamente positivas. Zora foi tema de vários artigos de jornais da época, e a poeta Edna St. Vincent Millay, ganhadora do Prêmio Pulitzer, enviou-lhe um telegrama de congratulações pelo sucesso. “Deus ama os negros, não é mesmo”? Zora brincou com um amigo, lisonjeada com os elogios ao livro, apesar do racismo persistente em grande parte dos Estados Unidos daquela época. “Ou só estou em liberdade condicional”?

Ainda assim, Zora nunca recebeu a devida recompensa financeira que merecia por sua produção literária. (O maior adiantamento que chegou a receber das editoras por qualquer um de seus livros foi de US\$ 500, enquanto seus colegas brancos comumente recebiam adiantamentos de US\$ 5 mil.) Por consequência, quando morreu de derrame cerebral em 1960 aos 69 anos, seus vizinhos de Fort Pierce, na Flórida, tiveram de angariar doações para pagar o seu funeral. A coleta não foi suficiente para cobrir as despesas com uma lápide, de modo que Zora foi enterrada em um túmulo que ficou sem identificação por mais de uma década.

Ironicamente, em 1945, Zora havia previsto a possibilidade de morrer sem dinheiro. Na época, ela havia proposto uma solução que não só teria beneficiado ela própria como muitos outros. Em carta a W.E.B. Du Bois, que ela via como o “decano” dos artistas afro-americanos, propôs “um cemitério para mortos negros ilustres” com cerca de cem acres de terra na Flórida. “Que nenhuma

celebridade negra, não importa sua situação financeira na época da sua morte, venha a cair no esquecimento”, ela exortou Du Bois. “Devemos assumir a responsabilidade de fazer seus túmulos conhecidos e respeitados.” Mas Du Bois, mencionando complicações de natureza prática, descartou sua proposta com uma resposta lacônica.

Como se impelida pela presciência de Zora, no verão de 1973, Alice Walker, então uma jovem escritora, foi até Fort Pierce para marcar o túmulo de Zora em homenagem à autora que tanto a havia inspirado no desabrochar de seu talento.

O Jardim do Descanso Celestial, onde Zora havia sido sepultada, era um cemitério abandonado e segregado no beco sem saída da rua North 17th. Alice desbravou o terreno infestado de cobras para procurar pelo lugar do descanso final de sua heroína literária. Andando com dificuldade pela vegetação até a cintura, Alice topou com um pedaço de terra retangular afundado que identificou como o túmulo de Zora. Sem condições de adquirir a majestosa lápide negra chamada de “Névoa de Ébano”, vista por Alice como a mais adequada

para honrar o legado ilustre de Zora, ela comprou em seu lugar uma lápide cinza simples. Tomando emprestado de um poema de Jean Toomer, Alice colocou um epitáfio apropriado na humilde lápide: “Zora Neale Hurston: Um Gênio do Sul”. ■

*Valerie Boyd é autora da biografia premiada* *Wrapped in Rainbows: The Life of Zora Neale Hurston* [Envolta em Arco-Íris: A Vida de Zora Neale Hurston]. *Ela leciona jornalismo e narrativa de não ficção na Universidade da Geórgia.*

*Reproduzido de* *Histórias de Realizações de Afro-Americanos, III, Departamento de Estado dos EUA.*

Divisão de Imprensa e Fotografias, Biblioteca do Congresso (LOC)



Em 1934, quando esta foto foi tirada, Zora era uma das figuras mais brilhantes da cena artística do Renascimento do Harlem.

Carl Van Vechten/Fundo Van Vechten/Arquivo da Faculdade Barnard

# DEIXANDO SUA MARCA: PERFIS DE AFRO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS

Graças ao movimento pelos direitos civis dos EUA e à pressão pela igualdade das mulheres, as afro-americanas hoje têm oportunidades que não poderiam sequer ser imaginadas na geração anterior. Hoje, as afro-americanas fazem parte da tripulação de missões espaciais da Nasa, dirigem empresas da Fortune 500 e ganham prêmios Pulitzer por peças teatrais de sucesso na Broadway. Perfiladas aqui estão apenas algumas das negras americanas que deixaram sua marca nas mais diversas profissões e que inspiram mulheres de todas as partes do mundo.

## Elizabeth Alexander, poeta



© Bill O'Leary/The Washington Post. via Getty Images

A aclamada poeta e acadêmica Elizabeth Alexander é uma de apenas quatro poetas a ler seu trabalho em uma cerimônia de posse presidencial.

Elizabeth Alexander sabe o que é ser testemunha da história. Ela tinha menos de um ano quando seus pais a levaram em um carrinho de bebê para a marcha pelos direitos civis sobre Washington, em 1963, que culminou com o discurso de Martin Luther King “Eu Tenho um Sonho”. Quarenta e seis anos depois, ela assistiria à cerimônia de posse de Barack Obama, o primeiro presidente afro-americano, desta vez como convidada de honra, por conta do convite feito pelo presidente eleito para recitar um poema escrito para a ocasião.

No decorrer dos anos, Elizabeth tornou-se educadora, ensaísta e poeta altamente respeitada. Nascida no Harlem, filha de mãe escritora e pai advogado, ela descreveu sua família como sendo politicamente engajada. A família foi morar em Washington no mesmo ano em que ela viu Martin Luther King falar, e seu pai chegou a ocupar vários cargos governamentais, inclusive o de presidente da Comissão de Oportunidades Iguais de Trabalho dos EUA, tendo se tornado o primeiro secretário negro do Exército. Sua mãe tornou-se professora de História Afro-Americana na Universidade George Washington.

Graduou-se pela Universidade de Yale e estudou na Universidade de Boston com o poeta Derek Walcott, que a fez deixar a literatura

de ficção pela poesia. Em 1991, começou a lecionar Inglês na Universidade de Chicago, onde conheceu Obama, que era então professor de Direito na mesma escola.

Sua primeira coletânea de poemas, *The Venus Hottentot* [*A Vênus Hotentote*], foi amplamente elogiada pela crítica e a de 2005, intitulada *American Sublime* [*O Sublime Americano*], foi indicada para o Prêmio Pulitzer. Além da sua poesia, Elizabeth destacou-se no campo da crítica literária afro-americana com livros como *The Black Interior* [*O Interior Negro*] (2003), que analisou a influência cultural de afro-americanos ilustres como Langston Hughes e Gwendolyn Brooks.

Em 21 de janeiro de 2009, a poeta recitou o poema “Canto de Louvor para o Dia” como parte da cerimônia de posse de Obama, tornando-a uma de apenas quatro poetas a terem participado de uma posse presidencial. O poema, como mostrado neste trecho, enfatiza o aspecto histórico da ocasião, trazendo como contraponto as lutas diárias dos trabalhadores que tornaram possível o tempo em que um afro-americano pôde ser eleito para o mais alto cargo eletivo do país:

Vamos falar francamente: muitos morreram para que este dia chegasse.  
Cantemos os nomes dos mortos que nos trouxeram até aqui,  
que colocaram trilhos para trens, ergueram pontes,

colheram algodão e alface, construíram,  
tijolo por tijolo, edifícios brilhantes  
que eles então manteriam limpos e no interior do qual trabalhariam.

## Mary McLeod Bethune, educadora e ativista de direitos civis



Sítio Histórico Nacional de Mary McLeod Bethune

Mary McLeod Bethune (à direita) inspirou jovens mulheres como sua pupila Dorothy Irene Height (à esquerda) a defender o ativismo em direitos civis.

Mary McLeod nasceu em uma família de ex-escravos em uma plantação de algodão, na Flórida, em 1875. Seu interesse infantil em educação levou-a a se matricular na escola local, onde aprendeu a ler e escrever. Uma professora dessa escola tornou-se a mentora que abriu as portas ao ensino superior para Mary McLeod, permitindo-lhe tornar-se professora. “O mundo todo se abriu para mim quando aprendi a ler”, disse ela mais tarde.

Após casar-se com Albertus Bethune, continuou a lecionar e a praticar assistência social na Geórgia. O casal mudou-se para a Flórida, em Daytona Beach, onde ela fundou uma escola para garotas negras que acabou se transformando na Faculdade Bethune-Cookman para ambos os sexos. Esta se destacou por sua excelência em educação. Mary McLeod procurou doadores negros e brancos para financiar a faculdade, atraindo poderosos benfeitores brancos, inclusive James Gamble da Proctor & Gamble, Thomas White da White Sewing Machines e John D. Rockefeller.

Mary McLeod Bethune liderou a Associação Nacional de Mulheres de Cor e, em 1935, fundou o Conselho Nacional das Mulheres Negras,

que unia outras organizações de mulheres negras com objetivos semelhantes: melhorar a vida de mulheres afro-americanas e tratar da discriminação e da integração racial, bem como de direitos iguais.

Amiga próxima do presidente Franklin D. Roosevelt e de sua esposa Eleanor, Mary McLeod participou de seu “Gabinete Negro”, coalizão de líderes afro-americanos que aconselhavam o governo Roosevelt em assuntos que afetavam os afro-americanos e seu avanço.

Seu ativismo social incluiu trabalho na Segunda Guerra Mundial para a Cruz Vermelha, fundação de escolas e serviços prestados em organizações educacionais, empresariais e religiosas. Mary escrevia uma coluna semanal no *Chicago Defender* e no *Pittsburgh Courier*. Foi homenageada muitas vezes por suas realizações, e sua imagem aparece em selo postal. Seu trabalho governamental e organizacional diversificado e seu dinamismo inspiraram uma nova geração de mulheres líderes em direitos civis.

## Ursula Burns, executiva empresarial

Ursula Burns da Xerox Corporation, é a única afro-americana a chefiar uma empresa listada na Fortune 500.

Ursula passou a infância em um conjunto habitacional público de baixa renda no Lower East Side de Manhattan. “[Minha mãe era] uma mulher solteira criando três filhos com quase nenhum recurso que me infundiu coragem e me deu força interior”, disse Ursula. Em 2009 ela contou, em uma reunião da Associação Cristã Feminina: “Ainda posso ouvi-la me dizer ‘As circunstâncias não definem ninguém’. Ela costumava me dizer o tempo todo: ‘Onde você está não é quem você é.’”

O início do mandato de Ursula Burns na Xerox começou com um cargo de estagiária. Os primeiros anos de seu trabalho foram recompensados com sua promoção à média gerência. “Estava muito feliz com minha escolha de carreira... até que um encontro casual com um executivo da Xerox me trouxe uma nova direção.” Durante um painel sobre trabalho de equipe, a veemente desaprovação expressa por Ursula às opiniões de outro participante sobre mulheres na administração impressionou um vice-presidente. “Minha ousadia chamou sua atenção. Ele me pediu para encontrá-lo e, mais tarde, me ofereceu um cargo como sua assistente executiva — uma oportunidade de mentoreamento para trabalhar lado a lado com ele para entender melhor como a empresa funciona”, disse ela.

Não muito tempo depois disso, ela se tornou assistente executiva do principal executivo da Xerox, onde conseguiu ganhar compreensão das atividades do dia a dia da alta administração. Ursula disse que “a partir daí vi um caminho para mim na administração, que me tirou da minha zona de conforto, mas me deu um novo senso total de confiança no valor que eu podia levar para a empresa”.

“Sou conhecida por ser franca e dizer o que penso”, declarou Ursula. “O componente crucial [do sucesso] é o alinhamento de pessoas em torno de um conjunto comum de objetivos. A diversidade é fator fundamental para essa estratégia. Sou realmente minha raça e meu gênero. Não há como negá-los. Eles definem minha herança.”



Foto: Cortesia

Ursula Burns fez carreira na Xerox, começou como estagiária e chegou a diretora executiva.

## Shirley Chisholm, pioneira na política



© AP Images

A deputada Shirley Chisholm (democrata, Nova York) no Capitólio, em Washington, em 1969, um ano depois de tornar-se a primeira mulher negra eleita para o Congresso dos EUA.

Muito antes de Barack Obama ou Hillary Rodham Clinton aparecerem na cena política dos EUA, surgiu Shirley Chisholm.

Em 1968, Shirley Chisholm — nova-iorquina — tornou-se a primeira mulher afro-americana a ser eleita para o Congresso dos EUA, representando o 12o distrito congressional do Brooklyn. O slogan de sua campanha era “sem dono e sem chefe”, que espelhava sua isenção e independência, o que cativou seus eleitores e algumas vezes enfureceu o establishment político em Washington.

Shirley, defensora declarada dos direitos das minorias e das mulheres, também derrubou as barreiras raciais e de gênero ao se pré-candidatar à Presidência em 1972. Acabou perdendo a indicação democrata para o senador George McGovern, mas conquistou 152 delegados ao longo da campanha. Para ela, o preconceito de gênero sempre foi um obstáculo maior do que o racial, como confessou à *Associated Press* em 1982: “Quando me candidatei ao Congresso, quando me candidatei à Presidência, fui mais discriminada por ser mulher do que por ser negra. Homem é homem.”

Não obstante sua retórica inflamada, a vida de Shirley era reflexo de diversos temas americanos tradicionais, entre eles a importância da educação, laços estreitos com os vizinhos, participação cívica e grande determinação pessoal para superar a origem humilde. Filha de um operário e de uma costureira, Shirley formou-se com louvor pela Faculdade Brooklyn em 1946. Prosseguiu os estudos e obteve o diploma de mestrado em Ensino Fundamental pela Universidade de Colúmbia, tornando-se uma autoridade em educação infantil e bem-estar da criança.

Shirley era conhecida por seus áspers comentários sobre a forma de atuar de Washington. “O Congresso parece entorpecido e inerte a maior parte do tempo (...) pensam que resolver um problema é realizar audiências ou, em casos extremos, nomear uma comissão”, desabafou de certa feita.

Deixou Washington em 1982, depois de cumprir sete mandatos no Congresso. Ao rememorar sua carreira em 2002, três anos antes de sua morte aos 80 anos, ela descreveu sua pré-candidatura à Presidência como um “catalisador de mudança” necessário.

“Você não progride permanecendo à margem dos acontecimentos, lastimando e reclamando. Você progride implementando ideias”, explicou. “Não julgo os Estados Unidos por suas realizações, mas por seu potencial.”

## Johnnetta B. Cole, acadêmica multifacetada

Johnnetta B. Cole admitiu ser um fracasso em um aspecto: aposentadoria. Na verdade, com 75 anos, ela fracassou em relação a isso três vezes.

Antropóloga, escritora e professora premiada, Johnnetta recebeu atenção nacional em 1987, quando se tornou a primeira afro-americana a dirigir a Faculdade Spelman, escola historicamente negra para mulheres em Atlanta. Por dez anos, melhorou o nível acadêmico, a importância e a saúde financeira da instituição. Então se aposentou como reitora para voltar à produção literária e à prática pedagógica em tempo integral, na Universidade Emory, também em Atlanta.

Mas quando se aposentou do cargo de professora universitária em 2002, mais uma vez assumiu o cargo de reitora, dessa vez na Faculdade Bennett para Mulheres, outra escola historicamente negra em Greensboro, na Carolina do Norte.

Aparentemente incansável, após se aposentar da Bennett, Johnnetta, aceitou um cargo como diretora do Museu Nacional de Arte Africana, do Instituto Smithsonian.

Johnnetta cresceu em uma família bem-sucedida e de bom nível educacional.

Seus pais trabalhavam na empresa de seguros fundada por seu bisavô, e sua mãe também foi professora universitária. Johnnetta ingressou na faculdade aos 15 anos com planos de se tornar médica, mas disse ter sido cativada pela antropologia. Seus trabalhos acadêmicos trataram de culturas na África, no Caribe e nos Estados Unidos, e especialmente divisões de raça, sexo e classe..

Johnnetta disse que o emprego no museu foi irresistível porque “permitiu-me continuar a sentir o poder da educação”. Em especial, ela quer reverter a suposição de algumas pessoas de que a arte africana é primitiva e grosseiramente elaborada. “Temos de nos livrar dessas ideias antigas e, devo dizer, frequentemente racistas, sobre a África, seu povo, suas artes e sua cultura”, declarou. No Museu Nacional de Arte Africana em Washington, Johnnetta cumprimenta os visitantes dizendo: “Bem-vindos ao lar”.

Em entrevista em 2010 para a Rádio Pública Nacional, ela disse: “Tudo que se precisa fazer é retroceder o suficiente, aí então cada um de nós é africano.”



A educadora Johnnetta B. Cole foi a primeira presidente afro-americana da Faculdade Spelman

Cortesia: Museu Nacional de Arte Africana, Instituto Smithsonian

## Catherine L. Hughes, líder da mídia



A empresária da mídia Cathy Hughes conversa com o ator Denzel Washington em programa de 2007 da TV One.

**D**ificuldades financeiras forçaram Catherine L. Hughes a abrir mão de sua casa e viver com seu filho no estúdio da primeira estação de rádio que ela comprou em Washington. Mas hoje a Radio One, a empresa que ela fundou em 1979, é um empresa multibilionária que inclui emissoras de rádio em todos os grandes mercados dos Estados Unidos. A Radio One alcança estimados 14 milhões de ouvintes todas as semanas.

A Radio One foi a primeira empresa de propriedade de uma afro-americana a abrir capital na bolsa de valores Nasdaq, em 1999.

Em janeiro de 2004, a Radio One lançou a TV One, rede nacional de televisão a cabo e por satélite exibindo programação para afro-americanos adultos.

Em entrevista ao Hello Beautiful, site voltado para mulheres afro-americanas, Catherine Hughes condenou as descrições negativas de afro-americanas tão frequentes na grande imprensa. “Estamos interessados no lado positivo de ser afro-americano”, disse Catherine sobre a programação da Radio One e da TV One.

Catherine foi recentemente nomeada presidente do Conselho de Comunidades Desfavorecidas da Administração de Pequenas Empresas dos EUA. O conselho vai assessorar formuladores de políticas do governo dos EUA sobre maneiras de auxiliar empreendedores de minorias. A Administração de Pequenas Empresas direciona programas de assistência financeira para pequenas empresas que teriam dificuldade de obter empréstimos de outra maneira.

E disso Catherine entende bem. Quando ela tentou comprar sua pequena estação de rádio há mais de 30 anos, 32 banqueiros, todos homens, recusaram seus pedidos de empréstimo. Ela acabou conseguindo o capital inicial necessário com uma banqueira hispânica que lhe foi solidária. Muito tempo depois, como empresária bem-sucedida, Catherine disse ao jornal *Houston Chronicle* que ao invés de criticar a “rede de velhos amigos” que tão frequentemente as exclui, as mulheres deveriam criar suas próprias redes de negócios.

Seu compromisso com a comunidade afro-americana e com as mulheres afro-americanas, em particular, é profundo. A maioria dos funcionários da sua empresa é composta por afro-americanos, e muitos gerentes são mulheres afro-americanas.

## Mae Jemison, médica, cientista, astronauta

**Q**uando Mae Carol Jemison assistiu aos voos televisionados das espaçonaves Gemini e Apollo quando criança, sabia que algum dia iria ao espaço. Sua certeza era admirável, pois demoraria mais de uma década para uma americana ou qualquer afro-americano deixar a atmosfera da Terra.

Nascida em Decatur, no Alabama, Mae Jemison passou a maior parte da juventude em Chicago. Sua mãe lecionava na rede de escolas públicas de Chicago, e Mae creditava sua vida científica ao incentivo dos pais pela educação e exploração. “Às vezes as pessoas querem lhe dizer para agir ou ser de determinada maneira”, disse Mae durante evento em sua escola de ensino médio logo após voltar do espaço. “Às vezes as pessoas querem limitar você por causa de sua própria imaginação limitada.”

Após cursar a Universidade de Stanford na Califórnia e formar-se pela Faculdade de Medicina Cornell em Nova York, Mae Jemison tornou-se funcionária médica do Corpo da Paz e trabalhou na Libéria e em Serra Leoa por dois anos. Antes disso, ela se formou em engenharia química e em estudos afro-americanos pela Universidade de Cornell. Para se candidatar à Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (Nasa) ela se inspirou em duas pessoas — uma real e outra ficcional: Sally Ride, a primeira mulher no espaço, e a tenente Uhura, a tripulante afro-americana da série de televisão *Jornada nas Estrelas* que ela adorava quando criança.

Ela foi especialista de missão na viagem de setembro de 1992 do ônibus espacial Endeavour, tornando-se a primeira afro-americana no espaço. Desde seu inovador voo espacial, Mae incentiva as crianças a seguirem a carreira científica. Em 2009, ela participou com o presidente Obama de uma noite de observação das estrelas na Casa Branca e se juntou a Michelle Obama para falar aos jovens de escolas carentes sobre a importância da educação.

“Quando fiquei adulta, nos anos 1960”, escreveu Mae no *New York Times*, “os astronautas americanos eram somente homens. Olhando pela janela daquele ônibus espacial, pensei que se aquela menininha que cresceu em Chicago pudesse ver a si mesma mais velha agora, ela teria um imenso sorriso no rosto”.



Mae Jemison foi a primeira afro-americana a fazer parte da tripulação de um voo de ônibus espacial.

## Lynn Nottage, dramaturga



© AP Images

A dramaturga Lynn Nottage tem sido aclamada por seu tratamento original e instigante de questões sociais complexas.

mesmo tempo que encontra afirmação da vida em meio ao desespero”. Ela doou parte dos US\$ 10 mil recebidos pelo Prêmio Pulitzer para o Hospital Panzi do Congo, que realiza cirurgias reparadoras em mulheres.

Durante sua pesquisa para *Ruined*, Lynn entrevistou congolesas que haviam sido vítimas de violência. “Pensei que encontraria mulheres abaladas, mas o que vi foram mulheres que haviam sido brutalizadas, mas que estavam determinadas a seguir adiante”, disse a dramaturga.

Nascida no Brooklyn, Lynn frequentou a Universidade Brown e a Escola de Teatro de Yale, onde é palestrante visitante.

Sua peça mais recente é *By the Way, Meet Vera Stark* [A Propósito, Esta É Vera Stark]. Lançando um olhar divertido sobre os estereótipos raciais de Hollywood, a peça conta a história ficcional de uma afro-americana aspirante a atriz que trabalha como empregada de uma atriz branca nos anos 1930. A personagem principal foi inspirada em atrizes negras da época, que eram limitadas a representar empregadas, escravas ou “amas-secas” (babás negras de crianças brancas).

## Condoleezza Rice, acadêmica e diplomata



© AP Images

Acadêmica competente, Condoleezza Rice foi a primeira secretária de Estado afro-americana, indicada pelo presidente George W. Bush

Filha única de uma professora do ensino médio e de um ministro presbiteriano, a ex-secretária de Estado Condoleezza Rice cresceu na então racialmente segregada Birmingham, no Alabama. Segundo conta, seus pais “se recusaram a permitir que os limites e as injustiças de sua época limitassem nossos horizontes”.

Angelena Ray Rice, que lecionava música, deu à filha o nome de Condoleezza inspirada pelo termo musical *con dolcezza*, que significa “com doçura” em italiano. A família se mudou mais tarde para Denver, onde Condoleezza Rice obteve doutorado em Ciência Política pela Escola de Estudos Internacionais Josef Korbel da Universidade de Denver.

Especialista em União Soviética, Condoleezza lecionou na Universidade de Stanford, na Califórnia, antes de atuar, de 1989 a 1991, como especialista em assuntos soviéticos do Conselho de Segurança Nacional, durante o governo de George H.W. Bush. Ela retornou ao serviço público em 2000, quando o presidente George W. Bush a nomeou a primeira assessora de Segurança Nacional.

Bush a indicou como a primeira secretária de Estado afro-americana em 2005. Hoje, Condoleezza é professora de Economia Política e Ciência Política da Universidade de Stanford e membro sênior do Instituto Hoover. É sócia-fundadora do The Rice Hadley Group, consultoria de negócios internacionais.

Em seu livro de memórias sobre sua vida familiar, *Extraordinary, Ordinary People* [Pessoas Comuns e Extraordinárias], Condoleezza credita seu sucesso a seus pais, que enfatizaram a importância de uma boa educação. Eles acreditavam, escreve Condoleezza, “que não havia nada pior do que ser vítima impotente das circunstâncias”. Ela também reflete sobre a

importância da liberdade individual e sobre ter vivido durante o movimento americano de direitos civis e o colapso da União Soviética. “Essas experiências reforçaram em mim a ideia de que a liberdade é uma aspiração universal” e “a importância de os líderes defenderem a proposição de que todos os homens, mulheres e crianças merecem viver em liberdade”, escreve.

## Susan E. Rice, acadêmica e embaixadora

Desde 2009, a embaixadora Susan Rice atua na linha de frente da nova era de engajamento do presidente Obama, ajudando a fortalecer as relações internacionais dos Estados Unidos e promover a paz, a segurança e o desenvolvimento econômico em âmbito internacional. Nas Nações Unidas, ela tem trabalhado para fazer avançar os interesses dos EUA, defender os valores universais, reforçar a segurança e a prosperidade internacionais e proteger os direitos humanos.

Nascida em Washington em 1964, Susan Rice recebeu seu diploma de bacharel em História em 1986 pela Stanford e seus diplomas de mestrado (1988) e doutorado (1990) em Relações Internacionais pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, onde foi bolsista da Rhodes. Recebeu o Prêmio Chatham House – Associação Britânica de Estudos Internacionais, concedido para a dissertação de doutorado mais relevante no Reino Unido em Relações Internacionais, por sua tese de doutorado sobre a transição da Rodésia para o Zimbábue.

Depois de deixar Oxford, Susan Rice começou a trabalhar como consultora de gestão internacional para a McKinsey & Company, em Toronto, no Canadá. Mais tarde, integrou a equipe do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca durante o governo do presidente Clinton, atuando como conselheira de organizações internacionais e manutenção da paz e, depois, como assessora especial da Presidência e conselheira sênior para assuntos africanos. No segundo mandato do governo Clinton, a embaixadora Susan Rice atuou como secretária adjunta para Assuntos Africanos no Departamento de Estado. Depois de vários anos no Instituto Brookings, atuou como assessora sênior de Política Externa para o senador Obama durante sua campanha para presidente.

A embaixadora Susan Rice declarou: “Minha grande conclusão sobre como viver a vida profissional é fazer o que você *quer* fazer e não o que alguém diz que você *deveria* fazer. Se você tem empolgação e paixão em relação a alguma coisa, isso é o que você deveria fazer.”

A embaixadora Susan Rice é ativa no Twitter ([www.twitter.com/ambassadorrice](http://www.twitter.com/ambassadorrice)) e no ([www.facebook.com/ambassadorrice](http://www.facebook.com/ambassadorrice)).



A embaixadora nas Nações Unidas Susan E. Rice fala durante sessão do Conselho de Segurança da ONU em Nova York

© AP Images

## Leah Ward Sears, advogada e jurista



Leah Ward Sears, a primeira mulher e a pessoa mais jovem nomeada para a Suprema Corte da Geórgia, interroga advogados durante argumentações orais

© AP Images

Leah Ward Sears tem uma carreira cheia de “primeiras vezes”, incluindo a de primeira mulher (e pessoa mais jovem) nomeada para a Suprema Corte da Geórgia, primeira mulher a vencer eleição acirrada na Geórgia e primeira negra a ser presidente de uma suprema corte estadual dos Estados Unidos.

Aos 7 ou 8 anos, contou, já havia decidido ser advogada. “Eu queria seguir uma profissão que tivesse o poder de alterar as coisas, de fazer as coisas certas no mundo”, declarou.

Leah creditou a seus pais, um piloto da Força Aérea dos EUA e uma professora, colocá-la no caminho de realizações. “Fui criada para ir à luta e competir em um mundo masculino e não me lamentar”, declarou em entrevista para a revista *Georgia Super Lawyers*.

“Ser a primeira sempre foi um pouco difícil”, disse Leah. “Tive de lutar para ser aceita. Não fiz isso perdendo a cabeça facilmente; simplesmente trabalhava muito.”

Após 17 anos na Suprema Corte da Geórgia, em 2009, Leah decidiu mudar de emprego. Ela queria desafios diferentes. Começou a lecionar Direito e se tornou sócia de um escritório nacional de advocacia. Ela dirige a equipe que trata dos recursos e ajuda os colegas a ver os processos sob o ponto de vista de um juiz. “Adoro cada minuto em que estou no tribunal”, declarou.

Leah disse estar seguindo o conselho do marido de estar sempre se desafiando. “É emocionante desfaldar velas em novas direções, se você tiver a coragem de fazer isso”, disse. “Não tenho certeza de que todo mundo queira de fato fazer isso. Eu, porém, quero. E faço se o navio não for afundar.”

A primeira vez mais importante pode estar logo adiante: ela esteve duas vezes na lista de juizes cogitados pelo presidente Obama para tomar posse na Suprema Corte dos EUA. Caso venha a ser nomeada, ela se tornará a primeira negra na mais alta corte do país.

# Dorothy Irene Height

## ATIVISTA DE DIREITOS CIVIS

Holly Cowan Shulman



Dorothy Irene Height foi educadora e ativista social durante toda a sua vida.

Conheci Dorothy Height em 1963. Ela estava trabalhando na Marcha para Washington e havia sido apresentada à minha mãe, Polly Cowan. Minhas memórias de Dorothy são pungentes. Ela era bonita — tão interessada em moda quanto minha mãe. Também era brilhante. Sua capacidade de conceitualizar, nos quase 50 anos que convivi com ela, nunca deixou de me surpreender e me inspirar. Ela conseguia pegar um simples pensamento oferecido por mim, virá-lo e revirá-lo como um diamante precioso, examinar suas facetas e descrever seu sentido com virtuosismo.

A longa vida de Dorothy Height abrangeu a era Jim Crow e a Presidência de Barack Obama. Nascida em 24 de março de 1912, em Richmond, na Virgínia, em uma

época em que as mulheres americanas não podiam votar, Dorothy Irene Height viveu para ver uma afro-americana ser secretária de Estado dos EUA. Desempenhou papel ativo em quase todos os grandes movimentos de reforma do século 20 voltados para negros e mulheres e liderou o Conselho Nacional das Mulheres Negras (NCNW) por mais de duas décadas.

Dorothy Height cresceu em um ambiente onde as oportunidades surgiam em meio a rochas aparentemente irremovíveis de preconceito e segregação racial. Seus pais, Fannie Burroughs Height e James Edward Height, nasceram logo depois da Guerra Civil. Eram profissionais liberais — seu pai, empreiteiro de construção, e sua mãe, enfermeira. Eles tiveram êxito em um Sul onde as leis Jim Crow impunham rígidos limites profissionais e comportamentais aos afro-americanos. À medida que a demanda por carvão e aço aumentava durante a Primeira Guerra Mundial, industriais do Norte começaram a recrutar trabalhadores afro-americanos do Sul. Em 1916 a pressão da segregação e a atração da indústria do Norte levaram os Heights a Rankin, na Pensilvânia, uma pequena cidade de mineração e produção de aço perto de Pittsburgh cujos primeiros trabalhadores vieram da Europa do Leste e do Sul.

Rankin era um lugar, escreveu Dorothy, do qual “tenho muitas memórias felizes de conviver com pessoas que eram tão diferentes umas das outras”. (*Open Wide the Freedom Gates: A Memoir [Escancarem os Portões da Liberdade: Memórias]*, Nova York, 2003)

Fannie e James Height tinham instrução e eram ambiciosos. Também eram cristãos praticantes que dedicavam seu tempo livre à igreja. Como Dorothy lembrou mais tarde, “meu pai era muito ativo nos círculos batistas (...) e nossa casa era uma espécie de ponto de encontro” para negros sulistas que buscavam trabalho em indústrias do Norte, embora os empregos na indústria fossem sempre mais instáveis e menos bem pagos para negros do que para brancos. Os pais de Dorothy esperavam que a filha tivesse um bom desempenho na escola e participasse da cultura cívica. Aos 14 anos, tendo pulado várias séries, foi eleita

presidente da Federação de Clubes de Meninas da Pensilvânia e era garota-propaganda da Associação Cristã Feminina (ACF). Debatedora entusiasta, ganhou uma bolsa de estudos para a faculdade em um concurso de oratória patrocinado pela Elks, sociedade nacional cuja Fundação Nacional Elks apoia obras de caridade. Um júri composto só por brancos deu a Dorothy, a única participante negra do concurso, o primeiro prêmio — uma bolsa de estudos — por seu discurso que argumentava que as proteções constitucionais incluíam ex-escravos e seus descendentes. Seu trabalho na área de direitos civis já tinha começado.

Ainda adolescente, Dorothy morou com uma de suas irmãs no Harlem quando foi para a cidade de Nova York estudar na Faculdade Barnard. Embora tenha sido aceita na Barnard, na última hora sua admissão foi negada com a justificativa de que a cota anual da Barnard para estudantes negros já havia sido preenchida. Ela foi então para a Universidade de Nova York e se tornou assistente social.

Dorothy Height entrou para a cena nacional nos anos 1930, uma década de depressão econômica e reforma política. Foi no Harlem dos anos 1930 que Dorothy presenciou *in loco* os efeitos degradantes do preconceito racial, ao observar os maus-tratos sofridos pelas trabalhadoras negras em casas de família e a pobreza nas ruas de sua vizinhança. Ela ficou em Nova York e foi influenciada por duas das mulheres mais importantes dos Estados Unidos do século 20: a primeira-dama Eleanor Roosevelt e a fundadora do NCNW, Mary McLeod Bethune.

Em 1937, Dorothy deixou seu emprego de assistente social para se tornar diretora adjunta da Casa Emma Ransom, da ACF, no Harlem. Lá ela conheceu Eleanor Roosevelt e Mary Bethune, que a convidaram para participar do NCNW e lutar pelos direitos das mulheres e



Em 28 de agosto de 1963, Dorothy Height estava no palanque ao lado de Martin Luther King Jr. quando ele pronunciou seu memorável discurso “Eu Tenho um Sonho” para mais de 200 mil pessoas reunidas para a Marcha para Washington. Ela foi a única mulher a integrar o Conselho Unido de Líderes de Direitos Civis.

por condições iguais de emprego e educação. Foi um momento decisivo. Embora tenha continuado funcionária da ACF até 1977, Dorothy dedicou-se ao NCNW e depois à irmandade feminina Delta Sigma Theta. Ela foi presidente nacional da Delta de 1947 até 1956 e presidente nacional do NCNW de 1977 até 1998. Depois de se aposentar, tornou-se presidente emérita do NCNW.

Na década de 1960, Dorothy Height surgiu como uma das grandes líderes de direitos civis dos Estados Unidos. Foi a única mulher a integrar o Conselho Unido de Líderes de Direitos Civis, representando o NCNW, a única

organização de mulheres no movimento pelos direitos civis, e trabalhando ao lado de figuras mais conhecidas como Martin Luther King e Roy Wilkins. Acreditando que as mulheres podiam ser missionárias de base da liberdade, em 1964 Dorothy Height e minha mãe lançaram um projeto chamado Quartas-Feiras no Mississippi (WIMS) para apoiar o Verão da Liberdade (campanha para registrar eleitores negros em junho de 1964) e o movimento pelos direitos civis. Organizada e integrada inteiramente por mulheres, as WIMS transportavam de avião grupos inter-raciais e inter-religiosos de mulheres do Norte para Jackson, no Mississippi, todas as terças-feiras, enviando-as para todo o estado nas quartas-feiras para ajudar trabalhadores dos direitos civis e promover o direito ao voto dos afro-americanos. Minha mãe era branca e judia, e a memória do antissemitismo na Chicago de sua infância e do Holocausto a tornou especialmente sensível à opressão. Como explicou na década de 1970, para ela, “a liberdade para os negros era um passo em direção à liberdade para todas as pessoas. (...) Nenhum de nós pode ser livre até que todos nós sejamos livres.” Um compromisso comum com a promoção dos direitos civis e da dignidade humana selou a amizade de minha mãe com Dorothy Height.

## RECORDAÇÕES PESSOAIS

Uma das minhas memórias mais queridas de Dorothy Height é de 1966, quando eu estava morando no sexto andar de um pequeno prédio sem elevador em Greenwich Village. Uma noite, ela, minha mãe e meu pai, Lou, foram me visitar. Ainda me surpreende eles três, todos com seus 50 e tantos anos, terem subido todas aquelas escadas só para ir à minha casa, dando-me o prazer de oferecer a eles a minha hospitalidade. Eles ficaram lá conversando: três das pessoas mais marcantes da minha vida, Dorothy um membro amado da família Cowan.

Na década de 1990 ela me pediu para pesquisar sobre os afro-americanos que embarcaram em um navio chamado Pearl. Ela havia se interessado pela história de Emily e Mary Edmondson, duas jovens escravas que tentaram escapar e foram depois vendidas em um mercado de escravos localizado na Seventh Street e na Pennsylvania Avenue no noroeste de Washington — em frente ao atual escritório do NCNW. Lembro-me que Dorothy era muito clara sobre por que o passado se relacionava com o presente, por que descobrir sobre as meninas Edmondson era crucial e como essas histórias poderiam inspirar as mulheres negras hoje. Como ela escreveu em suas memórias, “acredito que foi providencial termos tido a oportunidade de reivindicar esse lugar e manter ali uma presença ativa da liberdade e da justiça”.

O compromisso e o trabalho de Dorothy Height em prol das causas que ela acreditava não arrefeceu na velhice. Em 1986, aos 74 anos, ela lançou uma cruzada a favor da família negra e engajou o NCNW no desenvolvimento internacional para o aperfeiçoamento de mulheres e famílias na África e em

países em desenvolvimento. Ela continuou ativa até sua morte em 20 de abril de 2010. Em uma vida com pouco tempo livre, escreveu dois livros: o primeiro de memórias, *Open Wide the Freedom Gates*, publicado em 2003. O segundo, *Living with Purpose* [Viver com Propósito], a ser publicado postumamente, explora como uma pessoa pode discernir seu verdadeiro propósito na vida — e agir segundo ele. Nesse livro ela compartilha em primeira mão lições de pessoas que vão de Eleanor Roosevelt e Mary McLeod Bethune a crianças da Índia e mães do Mississippi.

A memória extraordinária e o gênio conceitual de Dorothy Height, combinados com um compromisso sem igual com a justiça social e um carisma inspirador, tornaram-na grande. Tive o privilégio de conhecê-la pessoalmente, mas como historiadora conheço Dorothy Height como figura icônica por meio de quem os americanos podem examinar e relembrar nosso passado comum. ■

---

*Holly Cowan Shulman foi amiga de Dorothy Height e atualmente é historiadora da Universidade da Virgínia. Organizadora, junto com David C. Mattern, de The Selected Letters of Dolley Payne Madison [Cartas Seleccionadas de Dolley Payne Madison] (2003), Holly Shulman também é organizadora da Edição Digital Dolley Madison e diretora fundadora da organização Documents Compass na Fundação da Virgínia para as Humanidades. Compartilhe suas ideias sobre Dorothy Height enviando um comentário.*

*Reproduzido de Histórias de Realizações de Afro-Americanos, IIP, Departamento de Estado dos EUA.*



O presidente dos EUA Bill Clinton confere a Medalha Presidencial da Liberdade a Dorothy Height, na Casa Branca, em agosto de 1994. Dorothy assessorou vários presidentes em questões relativas à justiça social e à mulher.

# Claudette Colvin

## A PRIMEIRA A NÃO CEDER SEU ASSENTO

Phillip Hoose

A Guerra Civil Americana encerrou a escravidão nos Estados Unidos sem acabar com o preconceito racial. Nas décadas seguintes, americanos caucasianos aprovaram centenas de leis (principalmente no Sul dos Estados Unidos) destinadas a impedir que brancos e negros morassem, trabalhassem e usassem transporte público juntos. Não lhes era permitido nem mesmo ser enterrados nos mesmos cemitérios. Apelidadas “Jim Crow” por causa de um personagem de canção de menestrel (executada por artistas brancos maquiados com “rosto preto”), essas leis e regras eram frequentemente impostas pela violência.

Um dos primeiros desafios bem-sucedidos às leis Jim Crow veio de Montgomery, no Alabama, em março de 1955, quando uma estudante do ensino médio chamada Claudette Colvin foi presa por se recusar a ceder seu lugar em um ônibus público para uma passageira branca e, pela primeira vez na história da cidade, combateu as acusações em um tribunal. Embora os líderes negros não tenham escolhido Claudette para sua “garota-propaganda” para o subsequente Boicote aos Ônibus de Montgomery – optando, em vez disso, nove meses depois, por Rosa Parks, de 42 anos – o caso Colvin forneceu informações táticas e políticas mais tarde úteis para os líderes do boicote, incluindo o jovem reverendo Martin Luther King Jr. Significativamente, Claudette contribuiu para que o boicote — e a segregação racial no transporte público interestadual — terminasse ao agir com bravura como querelante no histórico processo legal *Browder v. Gayle*.

Claudette Colvin, então com 15 anos, embarcou no ônibus Highland Gardens no centro de Montgomery, no Alabama, na tarde de 2 de março de 1955 e se instalou para a longa viagem de volta para casa até seu bairro, cruzando a cidade. Ela conhecia bem as regras para sentar — todo mundo as conhecia. Os dez assentos da frente eram apenas para passageiros brancos. Os 26 assentos de trás eram



Claudette Colvin tinha 15 anos quando se recusou a ceder seu assento..

Farrar, Strauss e Giroux/AP Images

controlados pelo motorista, que constantemente olhava no espelho acima de sua cabeça para se certificar de que ninguém estava violando as normas para sentar. Após os dez assentos da frente reservados para brancos estarem ocupados, o motorista mandava os passageiros negros ceder seus lugares do meio e da parte traseira do ônibus aos passageiros brancos que entrassem.

Quando Claudette embarcou no ônibus naquele dia, ainda não havia nenhum branco. Os passageiros eram, na maioria, estudantes como ela, voltando da escola para casa. Claudette dirigiu-se para um assento na parte intermediária, junto à janela. Três colegas de sala de aula sentaram na mesma fileira. Claudette estava

sonhando acordada quando o ônibus começou a encher. Em seguida, uma mulher caucasiana veio para a ala junto a seu assento e ficou esperando de forma acintosa. Claudette foi despertada bruscamente do seu devaneio, percebendo de repente a expectativa de que ela se levantasse e desse seu lugar a essa mulher.

O motorista dirigiu seu olhar para o espelho retrovisor e mandou que as meninas afro-americanas fossem para assentos mais atrás. As colegas de classe de Claudette levantaram e foram lentamente para a parte traseira do ônibus. Mas Claudette não falou nem se mexeu. “Ei, levante!”, gritou o motorista. Claudette continuou sentada. O motorista abriu a porta bruscamente e acenou para um guarda de trânsito que passava, para que subisse no ônibus e o ajudasse a fazer cumprir a lei. Mas o guarda de trânsito não tinha autoridade para efetuar uma prisão. Uma quadra mais adiante, o motorista chamou dois policiais que estavam parados junto a um carro de polícia. Eles embarcaram no ônibus e mandaram Claudette levantar. Quando ela recusou, os policiais agarraram seus pulsos e a arrancaram do assento, fazendo voar seus livros escolares.



Passageiros brancos e negros segregados em trólebus em Atlanta, na Geórgia, em 1956. A Lei de Direitos Cívicos de 1964 declarou ilegal esse tipo de segregação racial.

Gritando que ela tinha direito constitucional a sentar no lugar escolhido, Claudette decidiu não lutar. “Naquele dia não pude levantar”, lembrou Claudette, anos mais tarde. “A História me manteve presa ao meu assento. Senti a mão de Harriet Tubman empurrando um ombro para baixo e a de Sojourner Truth empurrando outro.”

Os policiais algemaram Claudette, empurraram-na para dentro de um carro da polícia e a levaram para a Prefeitura — insultando-a durante o trajeto. A menina de 15 anos foi fichada e escoltada até uma cela na prisão de adultos. A porta de ferro da cela se fechou com estrondo e foi trancada atrás dela. Claudette viu-se sozinha em um aposento pequeno contendo uma privada enferrujada e um catre sem colchão. Será que sua mãe tinha alguma ideia de onde ela estava? Claudette caiu de joelhos, soluçando e rezando.

Horas mais tarde, a mãe de Claudette e um pastor pagaram a fiança, retiraram-na da cadeia e a levaram para casa. Porém Claudette estava com um sério problema legal. A cidade estava processando-a por perturbação da ordem, violação da lei de segregação e “agressão” aos policiais que a haviam arrastado do ônibus. No passado, outros passageiros afro-americanos haviam sido presos por se recusar a ceder seu assento a um passageiro branco, mas jamais algum deles havia lutado contra as acusações. Eles normalmente pagavam uma multa e iam para casa. Com Claudette foi diferente. Foram levantados recursos para contratar um advogado para Claudette, com ajuda da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP) e de igrejas de negros de Montgomery.

Na audiência de Claudette, o juiz que presidiu o caso descartou as duas primeiras acusações, mas manteve a de agressão. Claudette foi colocada em liberdade condicional, sob custódia dos pais. Seu advogado recorreu, mas o esforço foi inútil. Nenhum juiz da cidade derrubaria o veredicto contra ela.

Após o processo, Claudette voltou para a Escola de Ensino Médio Booker T. Washington e tentou concluir o penúltimo ano do ensino médio. Em vez de tratá-la como heroína, muitos colegas de classe zombaram dela. Ela ficou desanimada e deprimida. “Às vezes me senti como se tivesse feito algo errado (...) Perdi muitos amigos”, Claudette admitiu mais tarde.

Em dezembro de 1955, nove meses após a prisão de Claudette, uma costureira de 42 anos chamada Rosa Parks foi detida por adotar comportamento semelhante em um ônibus lotado na mesma cidade. Agora preparados, graças em parte à experiência anterior de Claudette, os líderes negros de Montgomery se reuniram em torno de Rosa Parks e rapidamente organizaram um boicote a todos os ônibus da cidade. Cerca de 35 mil panfletos foram distribuídos, instando a comunidade negra a se locomover a pé ou em esquema de carona até que as autoridades da cidade mudassem a maneira como os passageiros negros eram tratados nos ônibus públicos.

Os líderes negros, incluindo o Martin Luther King Jr., deixaram Claudette Colvin de lado, decidindo usar, em vez dela, somente Rosa Parks como o símbolo do protesto contra os ônibus. Por quê? Alguns líderes comunitários acreditavam que seria difícil controlar, em um protesto

organizado com rigor, uma adolescente suficientemente rebelde para resistir às autoridades que tentaram arrastá-la de um ônibus público. No entanto, Claudette achou que estava sendo desconsiderada porque, diferentemente de Rosa Parks, sua pele era escura, seu cabelo era grosso e sua família era mais pobre que os líderes negros da cidade. “Nós não pertencíamos ao círculo interno”, declarou Claudette mais tarde. “Os negros da classe média não nos queriam como modelo.”

Após o boicote aos ônibus se arrastar durante meses e as autoridades da cidade obstinadamente se recusarem a negociar, os líderes negros decidiram processar a cidade de Montgomery em um tribunal federal, alegando que as leis de segregação violavam a Constituição dos Estados Unidos. Mas era difícil encontrar querelantes. Colocar o nome em uma ação judicial desafiando publicamente o sistema Jim Crow era arriscar a própria vida. No fim, apenas quatro mulheres concordaram em servir como querelantes; uma delas foi Claudette Colvin, então com 16 anos.

Quando Claudette foi chamada para depor nesse julgamento realizado em 11 de maio de 1956, ela avançou até o banco das testemunhas e sentou, levantando a mão direita e alisando o vestido azul. Olhou de relance à sua direita para os três juízes brancos, que estavam sentados observando severamente a obstinada jovem. O advogado da cidade atacou imediatamente, tentando fazer com que Claudette depusesse que Luther King havia manipulado os negros de Montgomery para que boicotassem os ônibus contra sua vontade.

“Quem são os líderes?”, o advogado perguntou.

“...Apenas nós, nós mesmos”, Claudette respondeu calmamente.

“Por que você deixou de viajar no dia 5 de dezembro?”, perguntou o advogado, referindo-se à data de início do boicote.

Os olhos de Claudette se estreitaram enquanto respondia: “Porque fomos tratados de forma errada, vil e indecente.”

Um dos advogados dos outros querelantes lembrou mais tarde: “Se houve uma testemunha fundamental... ela foi Claudette Colvin.”

Meses mais tarde — após o boicote aos ônibus ter continuado por mais de um ano — os juízes decidiram que as leis de segregação nos ônibus de Montgomery eram inconstitucionais. A Suprema Corte dos EUA manteve a decisão, forçando a cidade a acabar com a segregação nos ônibus.

Dois anos após o julgamento, aos 18 anos, Claudette Colvin mudou-se para a cidade de Nova York, onde trabalhou durante os 50 anos seguintes, principalmente como auxiliar de enfermagem em uma casa de repouso de Manhattan. Em Nova York não contou a ninguém sobre seu papel catalisador no boicote histórico aos ônibus de Montgomery quando adolescente, a não ser para alguns jornalistas e pesquisadores interessados em direitos civis que descobriram sua história e a procuraram para saber

mais detalhes. Claudette, agora com 70 anos, está aposentada e tem cinco netos. Ela se orgulha por ter aberto o caminho para a primeira grande vitória do movimento pelos direitos civis dos EUA quando tinha 15 anos. Ela agora fala sobre como resistiu à segregação nos ônibus quando era adolescente.

“Quando se trata de justiça”, diz Claudette, “não há via fácil para obtê-la. Não se pode adoçá-la. É preciso posicionar-se e dizer ‘Isso não está certo’. E eu fiz isso”. ■



Claudette (à direita) fala para estudantes na Escola Booker T. Washington em Montgomery, no Alabama, sobre como resistiu à segregação quando era adolescente nos anos 1950. Ela estudava nessa escola em 1955, quando se recusou a ceder seu lugar para uma mulher branca.

© AP Images

*Phillip Hoose ganhou o Prêmio Nacional do Livro de 2009 na categoria Jovens Leitores por seu livro Claudette Colvin: Twice Toward Justice [Claudette Colvin: Duas Vezes Rumo à Justiça]. Ele é autor de diversos livros, artigos, ensaios e histórias, incluindo The Race to Save the Lord God Bird [A Corrida para Salvar o Senhor Deus Pássaro], Hey Little Ant [Ei, Formiguinha] (em coautoria com a filha Hannah) e We Were There, Too! Young People in US History [Nós Também Estávamos Lá! Os Jovens na História dos EUA], também finalista do Prêmio Nacional do Livro. Formado pela Escola de Ciências Florestais e Ambientais de Yale, Hoose é membro da organização The Nature Conservancy desde 1977. Ele também escreve canções e é músico performático morando em Portland, no Maine.*

*Reproduzido de Histórias de Realizações de Afro-Americanos, III, Departamento de Estado dos EUA*

# Recursos Adicionais

Publicações impressas e on-line dos colaboradores e das mulheres apresentadas nesta *eJournal USA*

## LIVROS

Boyd, Valerie, *Wrapped in Rainbows: The Life of Zora Neale Hurston* [*Envolta em Arco-Íris: A Vida de Zora Neale Hurston*]. Nova York: Scribners, 2002.

Bundles, A'Leila, *On Her Own Ground: The Life and Times of Madam C.J. Walker* [*Com Seus Próprios Recursos: A Vida e a Época de Madame C. J. Walker*]. Nova York: A Lisa Drew Book/ Scribner, 2001.

Duster, Michelle. Org., *Ida In Her Own Words: The timeless writings of Ida B. Wells from 1893* [*Ida por Ela Mesma: Escritos Atemporais de Ida B. Wells desde 1893*]. Chicago: Benjamin Williams, 2008

Duster, Michelle. Org., *Ida From Abroad: The timeless writings of Ida B. Wells from England in 1894* [*Ida no Exterior: Escritos Atemporais de Ida B. Wells na Inglaterra em 1894*]. Chicago: Benjamin Williams, 2010.

Height, Dorothy Irene, *Living With Purpose* [*Viver com Propósito*]. Washington, DC: Fundação Educacional Dorothy I. Height, 2010.

Height, Dorothy Irene, *Open Wide the Freedom Gates: A Memoir* [*Escancarem os Portões da Liberdade: Memórias*]. Nova York: Public Affairs, 2005.

Hoose, Phillip, *Claudette Colvin: Twice Toward Justice* [*Claudette Colvin: Duas Vezes Rumo à Justiça*]. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2009.

Hurston, Zora Neale, *Their Eyes Were Watching God*. Nova York: HarperCollins, 2000. Publicado no Brasil como *Seus Olhos Viam Deus*, pela Editora Record.

## SITES

### Elizabeth Alexander

Home page da poeta, ensaísta, dramaturga e professora Elizabeth Alexander  
<http://www.elizabethalexander.net/home.html>

Vídeo no YouTube, com a leitura de "Canto de Louvor para o Dia" na posse de Barack Obama  
<http://www.youtube.com/watch?v=nH6fC3W3YvA>

### Lee D. Baker

Diretor de Assuntos Acadêmicos, Faculdade Trinity de Artes e Ciências; professor de Antropologia Cultural e Estudos Afro-Americanos, Universidade Duke  
<http://www.duke.edu/~ldbaker/>



### Mary McLeod Bethune Council House

Sítio histórico nacional e centro de recursos em Washington, DC  
<http://www.nps.gov/mamcl/index.htm>



### A'Leila Bundles

A escritora e jornalista A'Leila Bundles escreve biografias sobre as mulheres extraordinárias de sua família: a empreendedora Madame C. J. Walker e o ícone do Renascimento do Harlem A'Leila Walker.  
<http://www.aleliabundles.com/>



### Dorothy Irene Height

Vídeo no YouTube postado pela Conferência de Liderança em Direitos Civis e Humanos, 8 de julho de 2008.  
<http://www.youtube.com/watch?v=OEa0kr42XYk>



### Zora Neale Hurston

Site de uma das escritoras preeminentes da literatura afro-americana do século 20.  
<http://www.zoranealehurston.com/>



### Mae Jemison

A astronauta, médica, cientista, engenheira química e professora Mae Jemison em vídeo no YouTube, "Alfabetização Científica no programa LIVING SMART com Patricia Gras".  
<http://www.youtube.com/watch?v=Fv4TditrXt8&feature=related>



### Lynn Nottage

Site oficial da dramaturga premiada Lynn Nottage, cujas distinções incluem uma "bolsa para gênios" da Fundação MacArthur e um Prêmio Obie de dramaturgia.  
<http://www.lynnnottage.net/>



### Leah Ward Sears

Vídeo no YouTube postado pelo Clube de Imprensa de Atlanta, 2 de junho de 2009.  
<http://www.youtube.com/watch?v=chrRI-6aN08>

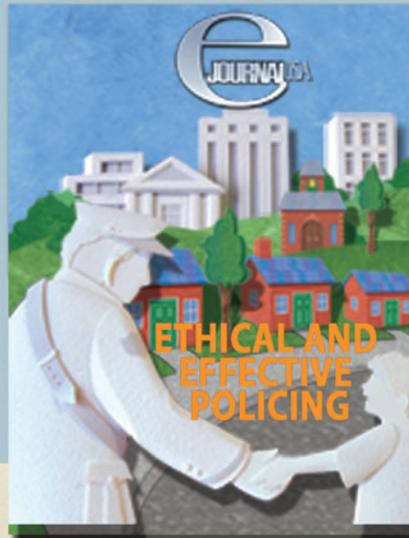
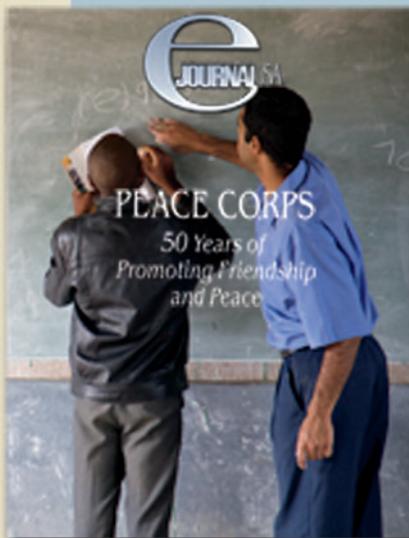
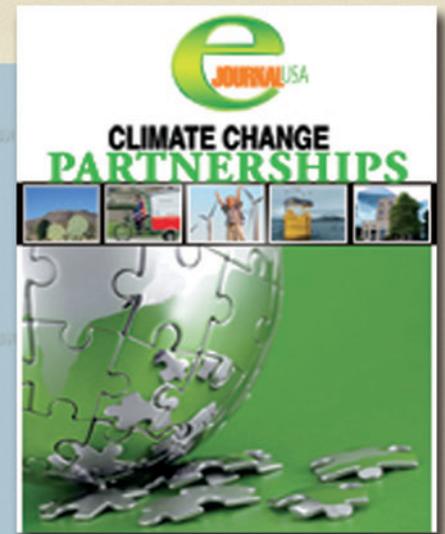
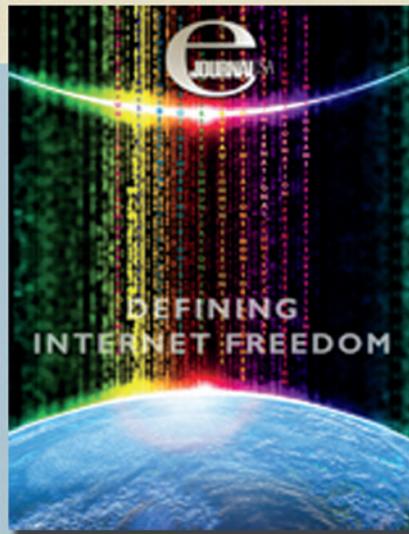
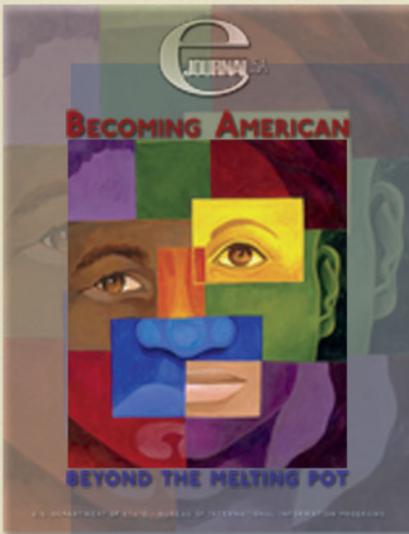






JOIN US ON  
**facebook**

[facebook.com/eJournalUSA](https://facebook.com/eJournalUSA)



Монгол English 中文 Français Português 한국어 Українська 日本語  
Türkçe Tiếng Việt Pashto Urdu ىسراف يبرع Русский Español



U.S. DEPARTMENT OF STATE

BUREAU OF INTERNATIONAL INFORMATION PROGRAMS